

UNICAMP - Faculdade de Ciências Médicas

Departamento de Saúde Coletiva

Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva

Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação:

**Poéticas de um cuidado:**

**A produção de diferentes expressões em um Centro de Convivência e  
uma Casa de Cultura**

Glenda Milek

**Poéticas de um cuidado:  
a produção de diferentes expressões em um Centro de Convivência e  
uma Casa de Cultura**

Glenda Milek

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Saúde Coletiva como condição parcial para o título de especialista em saúde mental, sob orientação de Ellen Cristina Ricci e Thiago Trapé, e coordenação de Rosana T. Onocko Campos.

A todos que se deixam alimentar por estes encantos,  
os diferentes, os comuns.

## Sumário:

### - Apresentação:

- Preparações: “a lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e abalos” .....5

### - Contemporaneidade e produção de encontros.....7

- Construindo alguns dos cenários do Cecco e Casa de Cultura: experiências em composição.....11

- Encontros com a arte, “*a vida como obra de arte*” .....15

- Encontros com o corpo, “*o que pode o corpo?*” .....18

- Encontros com a cidade, “*vôos livres*” .....24

- Últimas poéticas: “pensava-se em estar no porto, mas novamente se é lançado a alto mar” .....27

- Agradecimentos.....29

- Referências Bibliográficas.....30

**- Preparações: “a lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e abalos” (Deleuze, 2007)**

Uma cena:

Todo encontro escolhia desenhar. Repetia os mesmos desenhos, as mesmas formas, por vezes trocava uma cor ou outra. Vestido da cabeça aos pés em dias calorosos. Os desenhos tornavam-se também sua pele e sua história. Dentre tantas que contavam dele ou que ele mesmo contava. Vez ou outra trocávamos algum material, algumas cores ou folhas. Alguns desenhos aumentaram de tamanho para que pudessemos ver melhor. Pequenos deslocamentos. Em um dos dias, entre silêncios e falas atravancadas, ele começou a cantar...

São sempre inícios as trajetórias, não é apenas o primeiro dia que marca o início de um processo e nem o último o seu fim, mas constantes inaugurações “de um pensamento que se formata, uma palavra que se materializa em um gesto, um movimento” (LIBERMAN, 2008).

Pretendo através deste fim inaugural, afirmar experiências que envolvem as atividades expressivas e corporais, ou seja, apresentar as vivências que envolvem as expressões e criações dos corpos nas relações de cuidado e nos espaços que se configuram. As atividades, as diferentes expressões, os fazeres artísticos, aparecem nos encontros na saúde mental, como manifestações dos corpos e mundos ali criados, atravessando as práticas de cuidado.

Pretendo esboçar por meio das palavras alguns estranhamentos e encantamentos vindos dos encontros na produção de cuidados, através de narrativas e fragmentos das experiências vivenciadas no Centro de Convivência e na Casa de Cultura, dispositivos que fazem parte da Rede Substitutiva de Saúde Mental – uma rede constituída por aqueles que tem suas trajetórias muitas vezes marcadas pela loucura, exclusão, vulnerabilidade social, desfiliação, desvalor, mas também resistência, insistência, potências, desejos.

Trata-se de um relato a partir das experiências enquanto Terapeuta Ocupacional residente no Centro de Convivência Tear das Artes e na Casa de Cultura Andorinhas, localizados no distrito sudoeste da cidade de Campinas.

Utilizamos no campo da terapia ocupacional, recursos e ferramentas que possibilitam a instauração de vínculos, a materialização dos afetos, desejos e efetivação de processos de expressão, de conhecimentos do outro, de si e do mundo. Nesse campo de relações, estes recursos podem contribuir para que a pessoa perceba seus próprios modos de funcionar, para repensá-los, reconstruí-los, ou seja, um olhar que privilegia o corpo e suas potencialidades pode tornar um indicador fundamental para o conhecimento das histórias das pessoas, sua vida cotidiana, dores, anseios (LIBERMAN, 2002).

Retomo assim, meu itinerário de formação que me permitiu lembrar e entrar em contato com as histórias de meus avós, que lutaram no período da segunda guerra mundial, e que, apesar das vivências em campos de concentração, vieram e construíram uma comunidade para viver aqui no Brasil. Posso dizer que as escolhas por ser TO no campo da saúde mental, beiram doses desejantes de descobrir e construir junto as pessoas outros mundos possíveis.

Nesse percurso de formação, anterior a residência, lembro-me de um usuário que acompanhava em um grupo dentro de um CAPS na região central de São Paulo. Encontrei este mesmo usuário, pelas ruas do centro da cidade em uma galeria de dança, onde apresentava-se de um jeito muito distinto do que conhecia: apropriava-se do seu corpo, dos seus movimentos e do seu contato com os outros dotado de suas próprias singularidades dentro deste coletivo. Outra vez, o encontrei em um show de uma banda, apresentando-se com outro nome, de outro jeito, com danças, ganhando aplausos do público. Olhava cada lugar que passava e notava estes lugares compondo-o enquanto sujeito, as múltiplas e diferentes formas que ele poderia se apresentar.

Dessa forma, como os contatos com as atividades expressivas, artísticas, podem compor com uma produção de espaços de cuidados? Quais são as marcas criadas e deixadas nesse processo?

Apresento nas linhas que estão por vir, ações que fortalecem a vida no seu processo de criação (de si, dos mundos) e nas diferentes tentativas de “desobrigar a vida das diferentes formas de aprisionamento” (BUELAU, 2013).

**- Contemporaneidade e produção de encontros:**

*“O tempo é a minha matéria,  
o tempo presente,  
os homens presentes  
a vida presente...”*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

Há décadas atrás, um grande movimento internacional começa a provocar uma revolução no campo da psiquiatria.

As duas grandes Guerras Mundiais fizeram com que a sociedade refletisse sobre a natureza humana, sobre a crueldade, sobre a solidariedade existente entre os homens, criando assim condições de possibilidades históricas para outro período de transformações psiquiátricas. Assim, após a Segunda Guerra, a sociedade dirigiu seu olhar para os hospícios, descobrindo que as condições destes lugares nada se diferenciavam aos campos de concentração, constatando absoluta ausência de dignidade humana. Nasceram assim, estas primeiras “reformas psiquiátricas” (AMARANTE, 2013).

No final dos anos 60 e durante os anos 70, houve um intenso debate sobre instituições, poder e violência, que no interior do campo psiquiátrico tentaram discutir o lugar da loucura, insistindo na superação das instituições psiquiátricas e seus muros. Na Inglaterra, as experiências antipsiquiátricas e comunidades terapêuticas tomaram força, muito diferentes da forma como utilizamos os termos aqui no Brasil, na França, a psicoterapia institucional, a esquizoanálise, e na Itália, a psiquiatria democrática, cujo o norte era a desinstitucionalização (LIMA, 2013).

Estas influências vieram a contaminar os processos de reforma instaurados aqui no Brasil, acompanhando os percursos de nossos vizinhos em seu exílio. No final dos anos 70, início dos anos 80, a sociedade civil brasileira também começa a ter contato com os mecanismos de segregação, controle e violência dos modelos das instituições psiquiátricas, que haviam se tornado intoleráveis após a experiência da ditadura. O

MTSM (Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental) e outros movimentos sociais em prol da luta para a construção dos direitos e da cidadania, afirmam a renovação política brasileira impulsionando esse processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira (LIMA, 2013).

A partir daí uma avalanche de iniciativas se inicia, um processo de busca de novas formas de relações com a loucura, suas dimensões estéticas, clínicas e políticas se entrelaçam de forma indissociável.

O movimento da Reforma Sanitaria, embora sendo anterior e em muitos momentos divergente ao movimento da Reforma Psiquiátrica, também se reformula resistindo as formas de conceber a saúde enquanto mercadoria, garantindo o acesso à saúde e as necessidades de toda a população. Hoje, o processo de Reforma, culminou e constituiu uma Política de Estado, pautada pelos princípios do Sistema Único de Saúde Brasileiro (SUS), envolvendo diversos atores e contextos sociais e culturais (LIMA, 2013).

Dentre as iniciativas que surgem neste processo estão: abrir o manicômio, formar equipes multiprofissionais, criação de hospitais-dia, equipamentos substitutivos, os CAPS, NAPS, CECCOS, entre outros – diferentes arranjos, territórios, que aumentaram as chances de a loucura libertar-se da sua condição de existência doente. Veio também, a necessidade de construir mediações não só entre vários territórios, mas também, entre cada um deles e o da família, entre eles e a paisagem da cidade, criando possibilidades reais de vida não doente (ROLNIK, 1997). Nesse processo de invenção, nos deparamos com práticas em que os serviços se conectam de forma cooperativa ao seu redor, ao território, abrindo espaço para o encontro e a experiências criadoras, instaurando formas de resistência ao isolamento, desenraizamento, modos de operar que também encontramos no mundo contemporâneo (LIMA, 2013).

Em “*As instituições da violência*”, Basaglia discute formas de violência em que as mais diversas instituições podem operar: nos hospitais psiquiátricos, concentram-se os pacientes em grandes salas, onde ninguém possa sair, nem mesmo para ir aos sanitários, muitos dos pacientes acabam por fazer as necessidades no mesmo lugar que estão; duas pessoas são estendidas em um mesmo leito por falta de espaço, tiram-lhe toda a roupa, descaracterizando-os, formas de desapropriação de si mesmos. Basaglia (1985) fala de outras instituições, como a escola em que as crianças de um jardim de infância são obrigadas a ficarem sentadas sem falar, as frustrações das mães e pais dos



filhos não atenderem as expectativas, notas más são punidas como formas de “resolver” a insuficiência escolar. As instituições de sequestro, de violência, de exclusão, que estão em diversas bases de organização da nossa sociedade (BASAGLIA, 1985), são produtoras também do medo, que surge como uma forma de resistência, já que fomos moldados em seguir certos parâmetros e a responder a estes mecanismos de controle.

Junto as várias formas de controle e violência que operam em nosso cotidiano, a globalização, o consumo desenfreado, a velocidade de informações, o avanço das tecnologias, são marcas que também definem a cultura contemporânea e que nos obrigam a repensar a noção de encontro, os desdobramentos subjetivos provocados por essas formas de existir e de experimentação que esfumaçam a noção de lugar, de corpo e mesmo de encontro. Diante das constantes e importantes transformações sociais que vivemos hoje, o colapso da esfera pública, a expropriação do comum, a precarização das condições de trabalho, diversas violências, que marcam a complexidade dos tempos atuais, impulsionando cada vez mais processos de desvinculação social (GALETTI, 2015).

Segundo Guatarri (2004) para combater o adoecimento contemporâneo, devemos reformular nossas finalidades econômicas e reprodutivas, nossas práticas sociais, culturais, artísticas. A humanização é um conceito que tem um potencial para se opor a essa tendência violenta da organização social contemporânea, mas depende da possibilidade de ampliação do grau de desalienação e transformação do trabalho em um processo criativo (CAMPOS, 2005).

Podemos, desta forma, encontrar também no contemporâneo formas de resistir, criar, inventar outras possibilidades, habitando esta tensão que este mesmo cotidiano nos convoca, destas linhas e formas aprisionantes do viver.

Entende-se por contemporâneo essa experiência sempre desestabilizadora que nos convoca a deslocar de onde estamos e colocar em questão o que somos, livrando-se das cadeias causais que nos tornam figuras fixas da história. Nos defrontamos com o inantecipável, com uma abertura para o que ainda não somos: e é nesta via que temos uma possibilidade de nos diferir, nos diferenciar, pois o tempo comporta, nesta mesma espessura, o passado e o futuro (PASSOS e BENEVIDES, 2001).

Guarda-se assim essa relação complexa com a história, dela se distinguindo, se diferenciando de forma intempestiva (Nietzsche, 1988/1874), imprevisível, retornando e produzindo diferenças, buscando uma força propulsora para desviar-se de si. Assenta-se em uma perspectiva de liberdade e criação, cria-se um modo de relação com a atualidade, uma escolha, uma maneira de pensar e sentir, um jeito de resistir às formas de dominação (PASSOS e BENEVIDES, 2001), tomando a própria vida enquanto possibilidade para outros processos de subjetivação e a produção de novos territórios de existência. Subjetividade, entendida aqui, não um estado de coisa ou estrutura, mas um processo – um processo de produção de si (PASSOS e BENEVIDES, 2001).

Agamben nos convida a pensar o contemporâneo, as atualidades, numa relação singular com o próprio tempo, que adere a este e dele toma distâncias. Relata que aqueles que coincidem muito plenamente com seu tempo, que em todos os aspectos aderem a ele perfeitamente, não são contemporâneos, porque não conseguem vê-lo. Não se tratando de não viver o presente, esta atualidade, mas da adequação a um ou outro jeito de existir, colocando-se e colocando o outro a partir de valores hegemonicamente construídos.

Apostamos em uma construção cotidiana de uma rede de cuidados que envolva uma dimensão coletiva das formas de existência, não dominadas pelos terrores, mas sintonizadas com a vida e suas potências (PASSOS e BENEVIDES, 2001).

Vivenciei como residente no Centro de Convivência e na Casa de Cultura (localizados na região sudoeste de Campinas), que apesar de suas diferenças, suas localizações em bairros e territórios diferentes, uma mesma tecnologia de cuidado: produção de encontros através de dispositivos de convívio. Por estes encontros, pude notar, apesar das situações-limites, das problemáticas enfrentadas nesse serviço, múltiplas formas nesse processo de produção de subjetividades e de cuidados.

Imersos nesse mundo repleto de contradições sociais, em que lógicas de violência e segregação são reproduzidas para dentro das instituições quais possibilidades de criação são necessárias?

## - Construindo alguns dos cenários do Cecco e Casa de Cultura: experiências em composição

*“Queria entender do medo e a coragem,  
e a gã que empurra a gente para fazer  
tantos atos, dar corpo ao suceder”  
(Guimarães Rosa).*

Uma mulher chega para a oficina, pede alguns materiais para fazer uma cesta, um enfeite para sua casa que fica ali próxima. Ela, que trabalhou durante muitos anos em serviços braçais, fala das dores que sente no corpo e das dores de preocupação de sua filha, que já algum tempo não volta para a casa: *“Por onde será que ela anda?”* Procura alguns materiais pelo espaço, passa um tempo pensativa, sentada no banco. Outra chega e senta perto. Quer também construir alguns enfeites para a sua casa. Veio de longe, está temporariamente na cidade para realizar seu tratamento de saúde. Longe da família, da cidade natal e de sua filha, fala do medo de perder a visão, por isso quer aprender tudo o que for possível. Uma moradora antiga do bairro, chega e senta-se um pouco mais distante. Indigna-se com a violência no bairro, com a morte de uma mulher que morava ali perto, traz em cena essa mobilização. Cuida do espaço com muito cuidado, organiza-o, molha as plantas, recebe algumas outras mulheres. A neta de uma das participantes, corre pelo espaço, pede para brincar, pintar, colorir, aproxima-se e afasta-se, neste movimento de criança, rodopiando nessas conversas de mulheres. Outra mulher lembra da época em que essa pequena Casa<sup>1</sup> era inabitada. Ela e alguns outros moradores passam a desbravá-la e a ajudar a construir este espaço, fazê-lo existir. Mostra a mesa pintada repleta de cores que fizeram, cada traço com sua cor, cada cor lembrando de alguém que pintou, uma presença. Ali pode circular e existir, pois em outro equipamento não podia, pois era chamada de “louca”.

*Como vivem e o que buscam essas mulheres?* Esta é uma das cenas de um lugar construído por vários interlocutores, por várias histórias, por vários corpos e expressões que compõe os Ceccos, espaços que privilegiam a participação e as construções coletivas através de diversas atividades.

Os Centros de Convivência (aqui, falo também da Casa de Cultura), são dispositivos públicos que fazem parte da rede substitutiva de saúde mental, que

<sup>1</sup>Casa de Cultura

oferecem a este público, espaços de sociabilidade, produção cultural e intervenção na cidade, através da sustentação das diferenças na comunidade, articulando a vida cotidiana e a cultura, facilitando a construção de laços sociais (BRASIL, 2005).

Galetti (2015) afirma que a criação destes equipamentos foram acontecimentos singulares no plano das políticas públicas, porque nascem com a vocação de não apenas ser um serviço substitutivo aos hospitais psiquiátricos, mas funcionam como uma potência de desterritorialização de cada território que está ligado, ultrapassam fronteiras, conectam diferentes setores e atores da sociedade.

Extrapolando as fronteiras sanitárias, em diálogo com outros setores, os encontros produzidos pelos Ceccos podem promover outros significados nos processos de saúde-doença-intervenção, estabelecendo um outro tipo de relação que não apenas a partir dos riscos identificados, ou fragilidades, mas a partir das suas potências. A partir do fortalecimento das relações que estabelecem com o bairro, entre si e com suas vidas, neste diálogo com as artes, cultura, com o lazer, a educação, através de oficinas e outras formas de encontros.

Um dispositivo multifacetado, de um movimento, de um sistema flexível e aberto que pode driblar definições rígidas de “saúde”, de “cultura”, ou de “serviço” (FERIGATO, 2013). Nesse sentido, a produção de saúde é vista de forma ampliada, produzir saúde significa produzir encontros com outras esferas sociais, tornando estes espaços como também estruturas sociais capazes de comportar a complexidade da contemporaneidade dos sujeitos (GALETTI, 2015).

Noto esses espaços como equipamentos/dispositivos, que produz/é produzido pelos encontros que acontecem. Uma construção em “*diálogo e contato com*”: com outros setores, outros serviços, com outros olhares, acolhendo e potencializando estes encontros com as diferenças que emergem e se produzem.

Um “campo de experimentação”, uma estratégia de composição, de acolhimento, de conexão e de fazer redes, inventando saídas. Construir redes leva-nos a compor experiências de trabalhos afetivos, que representa a constituição de comunidades e subjetividades coletivas, dessa forma, os Ceccos podem ser também possibilidades de criação de redes de resistência e criação, criando vias onde crescem os saberes espontâneos, novas formas de convívio, produção de novas comunidades.

As oficinas são as principais tecnologias de convívio social, funcionando como uma rede de conversação focada na relação do projeto com o fora da instituição, estabelecendo entre si essas zonas de comunidade e de vizinhança (GALETTI, 2015).

Entretanto, “não existe um modelo de convivência ideal, como não existe uma comunidade homogênea. A convivência é uma realidade essencialmente heterogênea” (DELEUZE e GUATARRI, 1995).

Os jeitos que se constroem as relações, as histórias, formas de “*viver com*” de forma sempre singular e única. Assim como os modos de existir de cada equipamento. Olhar para os encontros se fazem emergentes para olhar para as forças vivas, as expressões que são ali produzidas. Coloco então, a emergência de se pensar esse dispositivo como um espaço dentro da rede de atenção, ainda com pouca visibilidade.

O Centro de Convivência Tear das Artes e a Casa de Cultura Andorinhas foram lugares para o desenrolar das experiências, nesse processo de formação. O Cecco Tear das Artes, localizado próximo ao terminal Ouro Verde, no distrito sudoeste da cidade de Campinas, trás consigo trajetórias importantes no processo de Reforma Psiquiátrica, junto aos demais equipamentos da rede. As atividades como a geração de renda, oficina do barro, a rádio, criaram e continuam criando espaços fundamentais de pertencimento dos usuários.

A Casa de Cultura, localizada dentro do Bosque do DIC I, trás consigo marcas de um processo de reativação através da participação popular e da articulação com a Secretaria de Cultura, que faz co-gestão deste serviço atualmente. Saraus, a Cultura Popular, agencimentos entre os serviços e a própria comunidade, constroem e sustentam cotidianamente este espaço.

Durante o ano, o período que estive como residente, participei de reflexões junto aos trabalhadores sobre as ações deste serviço, os processos em formação, de colocar estes espaços também em devir. Essas reflexões suscitaram algumas questões, como “*quais são nossas ações neste serviço?*”. Lembro de um trecho em um texto sobre o fechamento do Hospital Psiquiátrico Anchieta, em Santos, em que diante do contexto de fechamento, um trabalhador pergunta onde há uma sala para atender os pacientes, e respondem: *não há salas, vá até o pátio e crie algo com ele!*

As criações dos Centros de Convivências e os lugares que podem vir a ocupar, suas zonas de hibridização podem ser desestabilizadoras e fogem dos padrões formais de algumas ações em saúde tradicionais. Diante dessa desestabilização provocada pela certa informalidade e marginalidade estratégica que se colocam esses espaços, refletir sobre as ações produzidas, foram essenciais, para não formatá-las, cristalizar gestos e fronteiras que estão em movimento.

Como aponta Ferigato (2013), diversas dificuldades podem apresentar estes serviços diante da não oficialização de uma política nacional, como a precarização dos espaços físicos e ambiência, a falta de financiamento pela gestão central, sujeições que podem surgir a um modo de produção hegemônica de saúde, entre outros, que culminam no risco de fechar-se em instituição, mesmo que aberta ao território. Pude notar algumas dessas dificuldades presentes, promovendo desarticulações que comprometem estes espaços de cuidado e colocando desafios cotidianos para a construção destes espaços.

Assim, apesar de sua importância fundamental na rede de saúde, ainda se encontram escassos, com recursos insuficientes, poucos sustentados enquanto política de atenção e cuidado. Mesmo com a pouca sustentação, tem-se encontrado nessas produções, possíveis formas de se tecer cuidados, produções sensíveis e de resistência dos atores, como possibilidades de se tecer saídas diante de formatação de maneiras de cuidar ou de controlar a vida através de mínimos gestos que sustentam experiências coletivas (GALETTI, 2015).

Nesse processo, me deparo também com a emergência das minhas próprias possibilidades de criações de formas de se tecer cuidados enquanto terapeuta ocupacional residente. Muitas vezes, na tentativa de desconstruir as fronteiras, ou mudá-las de lugar, fez-se necessário haver também com as minhas próprias. Fronteiras entre a arte e a vida, entre a vida e a saúde, entre clínica e poética. Fronteiras que podem fixar, aprisionar ou que colocam em contato com o outro, com a loucura, com as pessoas, com as famílias - narrativas que também me são comuns nesses encontros.

Zonas de comunidade que suscitam possibilidades de contato, de colocar-se “*ao lado de*”, sentar-se ao lado, ouvir, sentir saudades da filha, lembrar-se de uma história... cenários compostos por mulheres que constroem cotidianamente esses espaços.

Cenários também composto por nós, nessa disponibilidade também de sentar-se ao lado, de manter uma atenção as possibilidades de encontros que possam surgir. Cenários de encontros que estão sempre em construção pelos corpos ali presentes, que estão “*em busca de*”, como algumas dessas mulheres.

É neste território que adentrei neste ano de residência e que acredito ser importante dar visibilidade por este trabalho. Territórios não apenas como espaços geográficos, mas também, como a produção de sentidos dos lugares habitados, dos lugares onde a vida acontece: “as singularidades são acolhidas em sua prerrogativa de constituição de mundo, tendo por critério de valoração a expansão da vida, e não sua exploração, limitação ou cerceamento” (Guizardi & Cavalcanti, p. 113, 2009).

**- Encontros com a arte, “A vida como obra de arte”:**

*“... Há existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (Carolina Maria de Jesus, Quarto de Despejo).*

Entre as várias ações, atividades que compõe estes espaços, chamo a atenção para a interface entre o campo das Artes e da Saúde, nas produções do Centro de Convivência/Casa de Cultura, em espaços de oficinas.

Entrando nos espaços do Centro de Convivência/Casa de Cultura, pode-se observar quadros, fotografias, pinturas, grafites, esculturas, ações e marcas que as pessoas imprimem nos lugares. As atividades expressivas, artísticas, apresentam possibilidades diversificadas de experiências, possibilitando modos de conhecer a si mesmo, o outro, o espaço, o tempo em que vivemos. Oferecem possibilidades para o processo de criação fluir, proporcionando experiências também de transformação, dos materiais, do próprio corpo, das relações, devolvendo a possibilidade de reformulação da própria existência, dialogando com novas formas e configurações, podendo criar novas realidades (CASTRO et al, 2001).

Porém, estes recursos podem também produzir o contrário, serializações, alienações, desvinculações, caso haja pouca ou nenhuma possibilidade de criação, de invenção em seus próprios processos. O que se produz na experiência de criar?

Winnicott diz que criar significa a possibilidade de sentir a transformação do mundo e não apenas nos relacionarmos com algo pronto e definido. Entende-se como a manutenção da vida de algo que pertence a experiências da infância, que é a capacidade de criar o mundo. A capacidade de criar está relacionada a “trazer a existência”, fazer existir (WINNICOTT, 1968). Criar suas próprias realidades e sentir-se real nesse processo criativo. Deleuze em seu texto “*A vida como obra de arte*”, aproxima arte e vida, essa possibilidade de reinvenção, de criação de si e de novas realidades nos encontros, inventando novas possibilidades de vida, contrapondo concepções e categorizações que distanciam da possibilidade de cada um poder criar seus próprios modos de existir. Ele questiona quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades e os processos de produção de vida, nos colocando a questão se teríamos modos de construir nossas vidas “suficientemente artistas”, já que é a vida e a morte que estão em jogo (DELEUZE, 2007).

Durante o período que estive nestes espaços, notei em várias situações a partir das experiências em contato com os fazeres ampliando ou diminuindo as possibilidades de conexões, de contatos e de criação. Lembro-me de uma cena em que vivi essa possibilidade de criação de novas realidades, junto a algumas mulheres:

Em uma das oficinas, sugerimos a possibilidade de “uma obra de arte”. A estrutura de madeira foi montada com gavetas velhas e alguns tecidos trazidos pelas próprias mulheres são cortados. Mulheres aproximaram-se umas das outras começaram a passar os fios pelos lados das gavetas, amarrando-os em pequenos nós, fios que começam a entrelaçar entre si. Os fios conectavam e separavam estas mulheres, que antes estavam sentadas, um pouco distantes, e talvez não soubessem de suas vidas em comum. “*Nós da vida...a minha vida é cheia de nós*”. Compartilharam dificuldades em relação aos filhos, a família, violências que sofrem dentro de suas próprias casas. Os braços também começam a arranjar formas, diante das situações-limite da vida e de espaço físico ali presentes entre elas. “*Tão faltando fios aqui nestes buracos!*”. “*Você pode pegar esse fio aí deste lado?* ”. Uma delas lembrou-se do ato de amarrar nós e fazer pedidos, e logo começaram a compartilhar seus desejos, suas vontades de mudança de vida. Entre conversas e risadas, Carolina<sup>2</sup> permanecia mais quieta durante a oficina. Ao final, compartilhou suas dificuldades em relação aos cuidados do marido que estava doente já há muito tempo e por isso não poderia ir ao passeio que aconteceria

<sup>2</sup>Nome fictício.



no dia seguinte. Fala também sobre o desejo que tinha de cuidar um pouco mais de si, de ter mais espaços e contatos com ela mesma. No dia seguinte, nos surpreendemos com ela correndo pela calçada e chega ofegante dizendo que deseja muito ir ao passeio e se daria tempo. *“Ontem fiz o meu pedido naquele nó para vir para cá hoje e consegui!”*.

Neste dia, notei os modos de viver a vida de mulheres, seus estilos, suas tramas de existência foram compartilhadas nessa trama de fazer os nós. Notei que compartilhavam os fios como compartilham seus próprios mundos e amarravam os nós como desejos por mudanças, desdobrando em ações, conexões, pontes e redes entre elas. Uma rede também de sustentação de desejos por mudanças, como esta cena suscita.

A partir do que temos em comum, das histórias em comum, das vidas em comum, a partir dessa possibilidade de afetar e ser afetado pelas outras experiências é que podemos aumentar nossa potência de agir a criar o mundo. Como nos diz Spinoza (2009), quanto maior a interação entre corpos, mais possibilidades de aumento de potência em cada corpo; assim, quanto mais criação comuns entre os corpos, maior a potência de cada um.

O “comum” pode ser compreendido como aquilo que é produzido a partir do que tempo em comum, produzido nas relações, no “entre” através dos contágios por outras experiências (PELBART, 2003). É neste “entre”, nessa transição, que podemos experimentar a vida (WINICOTT, 1975).

Os desejos e os contágios pelas narrativas ali partilhadas, se tornavam aberturas intensivas para a possibilidade de criar uma realidade e um cuidado para si. Percebi que, Carolina, a partir da sustentação dessa rede de nós, do contato com as experiências de outras mulheres, pode partilhar seus desejos também por mudanças, a possibilidade de criar sua vida, sua realidade, de uma outra forma, mesmo que por um dia, diante de um gesto de mudança e de cuidado de si. Cuidar de si, segundo Foucault (2004), pode ser entendido como uma ética da vida que pressupõe práticas, ações capazes de desencadear experiências intensas em que experencia-se para se transformar, uma estética de vida ou um modo de vida, em que os princípios da ação se tornam visíveis na trama da existência (FOUCAULT, 2004).

No cotidiano dos serviços, no campo da saúde mental, apresentam-se diversas formas de produzir cuidados. Estar em contato com esses diferentes modos de produção de cuidados, nesses contatos com diversos fazeres artísticos, suscitaram questões como: quais são os possíveis, neste cotidiano dos fazeres, de se desenrolar uma clínica criativa?

A produção destes cuidados, maneiras “*suficientemente artistas*”, com espaços para invenção destes próprios cuidados, abrem margens para a criação para que algo aconteça, entendendo as relações de força que não se reduzem a violência, mas ações sobre ações: “incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável” (DELEUZE, 2007).

Surpreender-se também pelos movimentos ali provocados...

Mulheres iam desdobrando outras ações com os tecidos: uma delas com o lenço amarrado na cabeça, amarra um tecido nos cabelos de sua neta. Uma moradora que circula ali pelo bairro, que tem dificuldades de manter-se em casa e realizar seu cuidado no CAPS, aparece e pede para que a enfeite e amarre também seu cabelo. Constituíam-se um ou outro jeito de ali ficar, permanecer, existir.

Estas experiências, estes contatos com os fazeres artísticos e suas expressões ali produzidas trazem a tônica também deste trabalho: potencializar a criação de “nós” (o que temos em comum, conexões), como uma possibilidade de abertura ao encontro com o outro e consigo mesmo, nós vitais, aqueles que emergem dos desejos e corpos, muitas vezes domesticados, adormecidos ou desprezados, podem também criar possibilidades de vir a ser.

Outras questões aparecem no decorrer desse processo que também podem ser comuns a produção destes lugares: Que espaços criamos para que os desejos possam surgir? Como potencializar paixões, nós vitais e possibilidades desses corpos para que eles possam vir a existir, sentirem-se reais?

**- Encontros com o corpo ou “O que pode o corpo? ”:**

*“Seus movimentos eram mais libertos do corpo, como se agora*

*houvesse no mundo mais espaço para seu ser” (Clarice Lispector).*

Diferenças marcam cada corpo. Uma das mulheres apresenta-se como alguém que passou por um longo período de internação, há pouco tempo, e diz que tem dificuldades em andar por conta de um acidente de carro. Outros são marcados pelas doses altas de medicações que tomam. Roupas, jeitos de amarrar os cabelos, tranças também marcam cada corpo. Jeitos distintos de moverem-se. Em um dos dias estávamos usando alguns tecidos e todos enrolaram-se neles, aproximavam e se afastavam uns dos outros. No desenrolar da oficina, uma mãe com um bebê também entra para dança. Outro morador do bairro, que possui dificuldades de locomover-se também se apresenta. Corpos adultos, corpo meninos. Uma outra mulher que frequenta a Casa<sup>3</sup>, ouve a música e contagia-se cantando e entrando para os movimentos ali produzidos. Ao final, alguém pergunta: “*Como é que está o corpo?*”, “*O dela está bonito!*”.

Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou funções que exerce: define-se no plano da consistência pelo conjunto de elementos materiais que lhe pertencem sob relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, pelo conjunto de afetos que ele é capaz (DELEUZE, 1997).

Vamos construindo nossos modos de viver e conviver no mundo ao longo da vida, a partir das relações que estabelecemos com o outro e consigo mesmo. Um corpo criativo é um corpo com impulsos (WINNICOTT, 1968), um corpo vivo é um corpo em movimento e para manter-se vivo faz-se necessário manter-se em movimento, a partir das ações, do fazer, não meramente como uma questão de sobrevivência, mas como em cada qual se possa expressar suas potências criativas. De quais afetos aquele corpo, nas relações, é capaz?

Os encontros produzidos pela Oficina de Dança, foram geradores de muito movimento. A articulação entre os serviços da região (CAPS de referência, moradias vinculadas a estes serviços) e pessoas que já frequentavam o espaço ali próximos, possibilitaram a ampliação dos repertórios e espaços de existência dos participantes, ampliando seus pequenos circuitos sociais, circuitos que, muitas vezes, se retringiam ao

<sup>3</sup> Casa de Cultura

espaço de suas próprias casas. Esta oficina teve também seu caráter itinerante, se deslocando para outros lugares como parques, sedes, museus, contribuindo para essa ampliação e ocupação de outros lugares.

As produções deste grupo, a construção deste espaço, foram acontecendo ao longo dos encontros, contando com a presença de todos os participantes. Partimos destes repertórios que traziam, da vontade de dançar a dois, sozinho ou em grupo, trazendo seus próprios repertórios de gestos e gostos musicais. Por vezes algumas propostas de jogos, de movimentos e músicas também apareciam, mas não partindo de um saber-fazer que detém uma ou outra técnica ou ensinar estilos de dança, embora alguns referenciais aparecessem a partir das vivências dos participantes. Partíamos assim de que *“qualquer corpo pode”* participar, dançar, olhar, ficar, nas suas possibilidades, olhando para o corpo de outra forma, a partir do que ele pode (das suas potências) e não do que ele deve. Todo indivíduo pode dançar quando se vê na sua dança, por meio do seu querer e sentir, como nos afirma Miller (2012), “há dança onde se vê dança” (MILLER, 2012, p. 149).

Esta é uma marca importante que se apresentou na oficina e que pude notar em outras que compõe os trabalhos dos Ceccos, em que os participantes pudessem se apresentar a partir do desejo, do seu querer e não partir de suas limitações ou diagnósticos, e por estes motivos, variadas formas de existir se apresentavam no espaço. Como afirma Galetti (2015), “colocar as diferenças em um campo de relação” trata-se de um desafio e uma delicadeza no contato com o outro:

“A delicada arte de produzir encontros nos direciona para um modo de produção em que encontrar-se não é colidir-se com o outro, mas experimentar, justamente essa distância que nos separa. No encontro, a partir da distância, podemos encontrar polidez, delicadeza, gentileza, suavidade, ao mesmo tempo separação, sobrevoo, contaminação, envelopamento, ressonâncias entre alteridades,

qualidades que sabemos caras para o trabalho dos CECOs” (GALLETTI, 2015).

Diferentes conexões se produziam pelas marcas em que se apresentavam, pelos movimentos, da música, dos gestos, pelas alegrias que ali surgiam, afetados pela experiência do encontro com outras pessoas, com as músicas, com os espaços. Nesse sentido, para que houvessem essas conexões, contágios por estas experiências, fez-se necessário também criar este ambiente acolhedor, que pudesse acolher os gestos espontâneos dos participantes. Lembro-me que um dos participantes pedia sempre para usar o banheiro, fumar um cigarro, outro ia até outro espaço da Casa de Cultura e depois voltava, uma outra participante permanecia sentada e em alguns momentos levantava-se para dançar junto, formas de presenças que puderam estar ali nesses encontros. Quais são os limites e as fronteiras desses contatos?

Castro et al (2001), fala que devemos ser sensíveis a essa ambiência, aos contornos e contextos em que o indivíduo se move, às complexidades que determinam as formas de vida que vão desenrolando ou que estão aprisionadas. Os acontecimentos cotidianos vão marcando a passagem do tempo, dando consistência a experiência existencial, a singularizando (CASTRO et al, 2001).

Uma situação que vivenciei marca este processo, em que uma senhora (uma das moradoras das casas vinculadas ao CAPS, antigos Serviços Residenciais Terapêuticos<sup>4</sup>) chega para a oficina com sua bolsa e terno vermelhos. Neste dia, fizemos a oficina no CAPS de referência da região. Alguém pergunta a ela se ela tinha ido participar de alguma atividade e ela responde entusiasmada: “*vim dançar!*”. No meio da dança, começa a fazer seus passos de dança, animada, e pergunto a ela aonde ela tinha aprendido a dançar daquela forma e ela responde: “*no mundo!*”. Nesse acontecimento, sentia essa atividade, a dança, como uma abertura para que ela pudesse existir, podendo experimentar novamente suas formas de dançar, um modo singular que se atualizava nesse espaço. Um território de existência que ali se produzia.

Porém muitas das atividades, por vezes, soam como prescrições, considerando previamente que as pessoas possuem poucos repertórios de vida. O contato com essa moradora, deu visibilidade para que, apesar de sua circulação ainda se restringir a poucos espaços para além das moradias, ela também tem um mundo a ser apresentado,

<sup>4</sup> Os Serviços Residenciais Terapêuticos fazem parte da Rede de Atenção Psicossocial e surgem diante das necessidades observadas no processo de desinstitucionalização por meio da Portaria Nº 106/2002. Estão inseridos na comunidade e oferecem assistência aos egressos dos hospitais psiquiátricos que estão impossibilitados a voltar as suas famílias e redes de origem.

este em que ela aprendeu a dançar, através das suas próprias experiências vividas ao longo da vida.

Muitos dos corpos que frequentam o espaço da oficina também são marcados por história de dor e sofrimento, carregam em si marcas de violências, por conta de proximidades e distâncias desconfigurantes, desagregantes, existentes nas relações e lugares que viveram. Para Barthes (2003, apud Silva e Lima), a potência da distância é um ponto fundamental para se viver junto, preservando a solidão não como isolamento, e um coletivo não como a fusão das partes que o compõe, mas experimentar essa distância como um espaçamento que preserva a diferenciação entre os seres, espaços que permitam e mantenham as singularidades (SILVA e LIMA, 2003). Lembro-me de uma situação mobilizadora em que a partir dessas distâncias com uma moradora pude experimentar outras possibilidades de aproximação:

Recebemos duas novas participantes em um dia. Eram usuárias das novas moradias vinculadas ao CAPS. Uma delas parecia bastante assustada com o novo espaço. Apresentamos a Casa de Cultura, tentando criar alguns laços familiares. Deixa seu objeto que carrega em uma das caixas dentro de uma sala. Chora querendo ir embora. Escolhe um banco para sentar-se e passa a olhar uma revista. O som começa a tocar, ela se aproxima para ouvir a música. Me aproximo e estendo a mão e ela responde segurando em minha mão, com uma expressão de medo, depois a solta chorando. Faz esse movimento algumas vezes, me puxa para perto e depois solta novamente. Vou introduzindo um ritmo e fazemos essa dança algumas outras vezes, a experiência virava outra, pequenos impulsos ali surgiam. Ao final, na dança-despedida, segura a minha mão fortemente por alguns minutos.

Nesses encontros, formas de expressar foram produzidas, não necessariamente verbais, sendo que a presença dos toques se tornaram constantes. As formas de entrar em contato, também em um certo campo de saberes e práticas podem ser construídas como estratégias de cuidado ou dominação. Nesse sentido tocar, pode produzir novas sensibilidades ou ser invasivo, composições ou decomposições. As tecnologias do corpo, através da disciplinarização visando o manejo e a docilização dos corpos, agindo sobre a gestão da vida podem provocar um silenciamento do corpo, dos seus ruídos e movimentos (FOUCAULT, 1987).

Encontramos no campo da saúde mental pessoas aprisionadas em suas casas, sob coação de outros e/ou aprisionadas em seus próprios corpos. Ao tocar, esperar que se aproxime acolhendo seus sons e seus atos trata-se de estar à escuta de uma linguagem muitas vezes sem palavras, respeitando o que não é verbalizável, criando outros canais de troca e de encontro, criando novos universos de existência (CASTRO et al, 2001).

Uma escuta que não se dá apenas pelos ouvidos, mas pela pele.

Tocar pode se tornar, então, uma possibilidade de vivificar um corpo como uma experimentação (LIBERMAN, 2008) e de criar presenças de forma a sentirem-se reais a partir das experiências, nos gestos mínimos, como segurar as mãos, soltá-las, buscá-las novamente...

Dançar junto, segurar as mãos, e a partir desse caminhar de mãos dadas pelo espaço da Casa de Cultura, também criar e narrar outras histórias:

Ao final da oficina, uma participante tirou uma série de fotografias da bolsa de quando era mais nova. Mostrou a família, as mulheres que moravam na casa, para quem trabalhou durante anos, a considerava como sendo sua.

Uma lembrança “puxava” a outra.

Lembrou-se do corpo adolescente, do antigo cabelo, das roupas antigas, das marcas inscritas em seu corpo. Das semelhanças e diferenças entre elas e as mulheres.

Apresentando seus pequenos mundos familiares. Uma pequena fotografia da escola trouxe marcas da infância. Lembrou-se dos pais, do trabalho que realizava durante a infância e emociona-se.

As experiências provocadas nesses encontros suscitaram “reencantamentos do concreto”, possíveis encantamentos dos corpos ali presentes. Abriram espaços para que as pessoas possam dançar, cantar uma canção familiar, moverem-se em direção ao outro. A partir da dança e das fotografias, poder também encontrar-se em outro tempo, se presentificar, possibilitando assim, variáveis jeitos de existir, entrando em contato com outras mulheres dentro de si, outras meninas.

Os desafios de construções de espaços que caibam “quaisquer corpos”, em suas singularidades em contato com os ambientes, também se apresentaram, como em alguns incomodos trazidos por algumas frequentadoras da Casa de Cultura, pela circulação dos corpos e grupo ali presentes.

Ainda assim, os encontros e os afetos produzidos ali, muitas vezes pela alegria que tomava corpo, transformavam estes espaços, minutos antes quase inabitados ou

vazios, em um espaço para dançar, um lugar povoado de afetos. Alegrias que puderam subverter os afetos tristes, os terrores, as prisões que diminuem potências de existir e de agir.

Galetti (2015) diz que esse modo de produção de saúde em que considere um campo de encontros de alteridade é uma aventura clínica e provoca vida em todos os participantes, diante da diversidade de papéis que somos convocados a ocupar (GALETTI, 2015).

Participar dessa aventura clínica, nesses encontros dançantes, provocaram em mim também fechamentos e aberturas, imobilizações e mobilizações, possibilidades de vir-a-ser junto aos outros, por vezes dolorosas e alegres. Muitas vezes tomada pela surpresa, pela força dos encontros, pelas formas sensíveis que apareciam neste e em outros espaços, suscitavam vontades de continuar, de descobrir formas possíveis de vir a ser.

A partir destes toques e contatos, nossas escutas e ações, quais são nossos regimes sensíveis que podem alçar vôos mais livres?

*“Nosso grupo tem um nome?”*

*Pode chamar grupo musical.*

*Grupo o quê?*

*Grupo Multidão? ”*

#### **- Encontros com a cidade, “vôos livres”**

Os caminhos percorridos a partir da experiência de vivenciar o Centro de Convivência, a Casa de Cultura, foram diversos. Esses equipamentos, segundo Galetti (2015) podem experimentar dois eixos: o primeiro refere-se as estratégias que compõe o serviço, as possibilidades de ofertas dentro do serviço e um eixo com o olhar sobre o território, a cidade, podendo desdobrar o serviço no território ou o inverso. As conexões produzidas não deixam as práticas isoladas da vida na cidade, mas podem interferir e repercutir nela (GALETTI, 2015).

Guatarri e Rolnik dizem que um território de existência é um lugar em que o sujeito se sente “em casa”, sinônimo de apropriação, onde desembocam todas as paixões, forças, fraquezas, onde as histórias do homem se realiza a partir de suas



expressões, de suas formas de existir (Guattari & Rolnik, 1986), podendo existir dentro ou fora dos espaços concretos do serviço.

Durante o meu trajeto enquanto residente, vivenciei situações em que usuários permanecem reclusos dentro de suas casas, em seus quartos presos ou isolados. Por outro lado, com todas ações pulsantes decorridas no processo da Reforma, frutos do processo de desintitucionalização, diversos foram os encontros com usuários circulando pelo bairro, pelos comércios locais, praças, espaços públicos, entre outros lugares que fazem pulsar a vida de uma cidade.

A vida apoia-se nesse relacionamento com o dentro e o fora, em uma dialética em que a casa, as instituições, os espaços de existência, podem se fechar no familiar e também abrir-se ao estranho. Os Ceccos, como lugares que permitem que a vida possa existir, também devem manter essas relações, dialéticas, para que não se totalize a vida e a relação com a cidade aos espaços de convívio ali oferecidos (FERIGATO, 2013).

Acolhemos pessoas que vivem as margens dentro da própria cidade, bairro, local onde vivem, decorrentes de diferentes formas de exclusão, exploração, desligamento, desfiliação, produzidas por um novo capitalismo em rede (CASTEL, 1998). Promover encontros com o próprio território e os diversos espaços que pertencem a cidade, espaços culturais, de arte, de esportes e de lazer, lugares públicos, porém ainda pouco ocupados, podem criar outras vias de pertencimento, de conexão e de vinculação.

Acompanhei uma das frequentadoras da Casa de Cultura, que pouco saía de casa, por conta de constantes brigas com o pai. Suas saídas para os passeios estavam sempre em negociação com seus familiares. Ela, uma mulher adulta, porém ainda com pouca autonomia, pouca possibilidade de criação da sua forma de existir. Em um passeio a uma exposição em São Paulo, da pintora "*Frida Kahlo*", ela pode entrar em contato com a história de uma artista que produzia a si mesma, através das roupas que vestia, a partir dos quadros que pintava, resistindo as suas condições, diante do desvalor do seu trabalho e opressão por sua condição de mulher. Histórias comuns as mulheres que estavam ali presentes.

Ao final, cada um pode vestir-se com alguns tecidos disponibilizados no local, inventando jeitos de criar a si mesmo a partir desses materiais. Ela também vestiu-se, escolheu os tecidos e amarrou em seu corpo. Nos outros dias, através das redes que

também foram produzidas pela Casa de Cultura, por esses outros encontros em um Museu, passa a arrumar-se de outra forma, a desenhar flores para as festas que ali aconteciam, presenteando as pessoas com suas produções.

Dessa forma, acredito que esses espaços também puderam tornar-se espaços de cultivo, para cultivar-se, como diz Deleuze. Este, não procurava estes espaços de cultura e arte, para ter mais cultura, pois não acredita na cultura em si, mas nos encontros com as pessoas e com as coisas; procurava os espaços de arte para cultivar-se, cultivar-se pode ser compreendido como abertura aos encontros, exercícios de atenção à espreita a possibilidade de encontros (LIBERMAN, 2015).

Muitos desses espaços culturais, embora sejam públicos, também são quase inabitados pelos usuários, frutos de nossa sociedade que gira em torno de um modo de operar capitalista em que insiste em expropriar, tirar aquilo que é comum (GALETTI, 2015), aquilo que não é rentável, formas de produzir redes que operam em produzir encontros com o outro e consigo mesmo. Em minha experiência, notei a importância de sustentação das diferentes formas de circulação dos usuários que frequentam os serviços de saúde mental, sobretudo o Ceccos. Não só abrindo espaço para que visões estigmatizantes sobre a loucura possam ser derrubadas, mas também que estas experiências produzam movimentos na própria comunidade, na ocupação dos espaços, significando suas relações com a cidade, sendo esta também um lugar para se habitar, circular e intervir.

A partir destas experiências apresentadas, dessas construções criativas que vivenciei junto aos demais interlocutores envolvidos nesse processo, a experiência do Cecco abriu margens para que eu pudesse criar junto a outra residente, uma oficina no território, para conhecer, acessar e intervir nas realidades que ali se produziram.

Nesta experiência de criação de uma oficina, chamada “Fotos e Rolês”, conhecemos o bairro onde moram crianças e adolescentes, suas realidades e tiramos fotografias dos lugares que mais gostam e poderiam ser modificados.

Nos encontros seguintes, revelamos as fotografias e pedimos para que desenhassem como gostariam que fossem o local onde vivem. Crianças apresentaram seu bairro, suas casas, os lugares que mais gostavam e se colocaram nas cenas, tirando fotos uns dos outros e depois encheram de cores as fotografias. Também

experimentávamos o bairro do jeito que elas iam nos apresentando, então comemos frutas das árvores que gostavam, caçamos cigarras, brincamos nas praças.

No desenho, fizeram o parque, o lago, a quadra que poderia existir no local. Um dos meninos, estava com dificuldades na escola, repetiu aquele mesmo ano. Tirou fotografias dos muros da escola, como algo que não poderia existir: *“a escola poderia não ter muros!”*.

As proposições destes encontros fotográficos criaram espaços para acolher e conhecer a realidade dos participantes, desejar e criar juntos a realidade que gostariam, intervir e ocupar o próprio bairro nas variadas formas de experimentação. Criaram espaços também para que vínculos pudessem ser tecidos. Este mesmo menino ao final dos encontros nos disse: *“quero participar de grupos iguais a esse!”*, podendo experimentar uma outra forma de estar em grupo, criando outras vias de pertencimento no território onde vive.

Acredito que, o direito a cidade, a livre circulação e ocupação dos espaços, a partir dessas experiências no CECCO e na Casa de Cultura, em seus múltiplos territórios, suscitam possíveis desconstruções de muralhas, sejam elas de um manicômio, de um museu, de um corpo, de um fazer, de uma história...

**- Últimas poéticas: “pensava-se em estar no porto, mas novamente se é lançado a alto mar” (Deleuze, 2007)**

*“Clínica sensível, gentil, que se apresenta à espreita, ampliando discretamente, a conectividade dos encontros, expandindo, aumentando superfícies de contato ao vivido, facilitando exposições às afecções, aos acontecimentos. Uma clínica que dança, se movimenta, agenciando respostas outras diante dos efeitos dominantes em subjetividades capitalísticas.” (Aleixo, 2015).*

Ouvi dizer que por trás de grandes projetos, há quem teçam os miúdos, cuidando das pessoas. Acho uma boa frase para ilustrar todos os possíveis, as construções de encontros e suas expressões, diante de cenários muitas vezes de pouca sustentação política.

Fios de sustentação, de redes, de comunidades produzem-se através de regimes de sensibilidade, que ultrapassam nossas próprias fronteiras, nos lançando em direção

ao outro. Fios dançantes, pintados a mão, expressos nas paredes, fios dos próprios corpos.

Práticas que presenciei enquanto TO residente, no campo da saúde mental e coletiva, em suas possíveis formas de exercitar uma clínica criativa na tentativa de produzir diferenças, que se tecem contra todas as formas de opressões das vidas que encontrei durante este percurso. Por vezes convocada por um fazer-artista, outras por um fazer-doula, acompanhando processos de gente e vendo-os nascer.

Preparar um chá, preparar a terra para que algo floresça, esperar as presenças que possam fazer parte dessas aventuras de encontros.

Deixar uma mensagem em um caderno para um usuário em seus dias difíceis.

Prender os cabelos, pintar as unhas, esperando que a usuária volte, que ela fique.

Variações possíveis são produzidas quando se mantém uma atenção a essas possibilidades que podem ocorrer quando menos se espera, no imprevisível como em um convite para criar junto, amarrando desejos em “nós”, em um estender a mão para uma dança, mesmo que haja boas doses de medo e estranhamento.

Correr em direção aos próprios desejos de ir a um passeio ou mudar uma realidade mostram a força propulsora dos encontros.

E por fim, tomar esta força propulsora também para lançar-se em direção a outros mares, outros cenários, outros corpos – em cuidados recheados pelas diferenças e pelos miúdos dos encontros.

\*\*\*

**Agradecimentos:**

Ao programa de residência multiprofissional, à coordenadora do programa Rosana, aos supervisores Ellen e Bruno, pelas boas e belas oportunidades e insistentes tentativas de criar espaços para a experiência e o saber dela.

Aos serviços, profissionais e preceptores que me receberam durante esses dois anos: ao Caps David Capistrano, Centro de Saúde Vista Alegre, Cecco Tear das Artes/Casa de Cultura e Casa das Oficinas, pelas diversas formas de contato e contágio por uma clínica criativa.

Aos residentes, resilientes, pelos momentos incríveis compartilhados e por tornar esse trajeto mais sustentado.

Aos usuários que encontrei nesse percurso, que muito contribuíram para a minha formação, por me ensinarem muito através dos encontros sobre a vida, o corpo e a força.

## Referências Bibliográficas:

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Trad.: Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. AMARANTE, P. Das psiquiatrias reformadas às rupturas com a psiquiatria. In: Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

ALEIXO, J. Invenção e produção de encontros no território da diversidade: cartografia de um serviço-dispositivo. Texto publicado no IV Seminário conexões Deleuze e Máquinas e Devires e...UNICAMP. 2015.

BASAGLIA, F. As instituições da violência. In: Basaglia, F. (Org), A instituição negada. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

BUELAU, R. Plataforma Arte, Estação Clínica. 156. Tese de Mestrado. Usp/São Paulo. 2013.

CASTEL R. As metamorfoses da questão social. Petrópolis, Vozes, 1998.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001. p. 41-59.

CAMPOS, G. W. S. Humanização na saúde: um projeto em defesa da vida? Revista Interface, Botucatu. V 9. N. 17. Botucatu, mar/ago 2005.

DELEUZE G, Guattari F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Tradução: José Marcos Macedo. In. Folha de São Paulo, 27/06/1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.

DELEUZE, Gilles. A Vida Como Obra de Arte. IN: Conversações. São Paulo: Editora 34, 2007.

ESPINOSA, B. Ética. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FERIGATO, S. Cartografia dos Centros de Convivência de Campinas: produzindo redes de encontros, Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

FOUCAULT, M. *Tecnologias de si*. Verve. São Paulo, n.6, p. 321-360, 2004.

GALETTI, M. C. O lugar dos Centros de Convivência na Rede Substitutiva. Centros de Convivência e Cooperativa, Cadernos Temáticos do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. 2015.

GUIZARDI, F & CAVALCANTI F. Por um mundo democrático produzido democraticamente (ou: o desafio da produção do comum): contribuições a partir da experiência do Sistema de Saúde Brasileiro. In: Revista Lugar Comum. nº27 jan-abr, pp. 103-123, Rede universidade Nômade,UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

LIBERMAN, F; MAXIMINO, V. Planos grupais e Experiência Estética: friccionando ideias, emoções e conceitos. Grupos e Terapia Ocupacional: Formação, Pesquisa e ações. 2015

LIBERMAN, Flávia. Delicadas Coreografias - Instantâneos de uma Terapia Ocupacional. 1ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2008. 248 p

LIMA, E. A. F. Para abrir a roda de conversa com J. C. Pollack. Conferência “Íntimas Utopias, processos psicóticos, arte e clínica”: diálogos com Jean-Claude Pollack. Pontifícia Universidade Católica/PUC-SP, 2013.

MILLER, J. *Qual é o corpo que dança? Dança e educação somática para adultos e crianças*. Summus editorial. São Paulo, 2012.

ROLNIK, Suely. Clínica nômade. In: EQUIPE DE AT DO HOSPITAL-DIA “A CASA”. *Crise e cidade: acompanhamento terapêutico*. São Paulo: EDUC, 1997.

SILVA, J. A.; LIMA, E. A. Comunidades provisórias entre pessoas quaisquer: encontros de delicadeza, criação artística e diferença. Cadernos da Terapia Ocupacional. Ufscar. 2015.

PASSOS E. e BENEVIDES R. *Clínica e Biopolítica na Experiência do Contemporâneo*. Revista de Psicologia Clínica. PUC/RJ, v.13(1):89-100. 2001.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1975.